

Acaso, destino e caráter em *Édipo Rei*, de Sófocles¹

Maria Cristina Rodrigues da Silva Franciscato*

A história de Édipo, protagonista da tragédia *Édipo Rei*, de Sófocles, escrita entre 430 e 425 a.C., é muito conhecida. As desventuras de Édipo e da família dos Labdácidas é tema de outras tragédias gregas que chegaram até nós: *Antígona* (422 a.C.) e *Édipo em Colono* (401 a.C.), ambas também de Sófocles; *Os sete contra Tebas* (467 a.C.), de Ésquilo, e *As fenícias* (410 a.C.), de Eurípides. O destino de Édipo estava traçado antes de seu nascimento. Em *Édipo Rei*, o oráculo sobre o protagonista é mencionado duas vezes. Primeiro, quando Jocasta fala sobre a profecia recebida por Laio, de que ele seria morto por um filho de ambos (711-714)², e, depois, quando o próprio Édipo conta para a esposa (e mãe) o vaticínio que recebera de Apolo em Delfos: mataria o pai e se casaria com a mãe, gerando filhos (791-793). A questão que me proponho a investigar neste artigo é se aquilo que acontece a Édipo é apenas consequência de um destino que o transcende ou guarda relação com seu *êthos*, seu caráter.

Há um aforismo de Heráclito de Éfeso, filósofo pré-socrático, que diz, “*êthos anthrópoi daímon*” (ἦθος ἀνθρώπων δαίμων)³, “o caráter do homem é seu destino” ou “o destino do homem é seu caráter” (frag. 119.1-120.1). Segundo Heráclito, a natureza de uma pessoa condiciona aquilo que lhe acontece. Do mesmo modo, a natureza do *daímon* (da potência divina), associado a ela como destino, molda-lhe o caráter. Nesse aforismo, *daímon*, termo genérico para divindade, é sinônimo de destino. Para Heráclito, “caráter” e “destino” são indissociáveis, e a ambivalência do seu aforismo não pode ser resolvida. Vernant & Vidal-Naquet (1988), pontuando essa indissociabilidade no âmbito da tragédia, afirma: “Ethos-Daímon, é nessa distância que o homem trágico se constitui. Suprimindo um desses termos, ele desaparece”.

Os gregos tinham vários termos para designar o destino, como *moira* (μοῖρα), *anánkhe* (ἀνάγκη) e *daímon* (δαίμων). O substantivo feminino *týkhe* (τύχη) é outra possibilidade para definir o acontecimento. Usualmente traduzida por “acaso”, “sorte”, “fortuna”, a *týkhe* indica o evento aparentemente casual. Apesar de os personagens das tragédias áticas do século v a.C.

1 O conteúdo deste artigo é parcialmente retirado da minha tese de doutorado, “*Týkhe* e caráter no Hipólito de Eurípides”, defendida em 2006 na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).

* Jornalista (formada pela Escola de Comunicações e Artes da USP) com mestrado, doutorado e pós-doutorado em literatura grega antiga pela FFLCH-USP, tradutora da tragédia *Hércules*, de Eurípides (Palas Athena Editora, 2003), e coautora dos livros *Estudos sobre o teatro antigo* (2010) e *A representação dos deuses e do sagrado no teatro greco-latino* (2013). Membro pesquisador do grupo “Estudos sobre Teatro Antigo” (USP/CNPQ). Membro da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC). Realiza anualmente viagens culturais à Grécia e a outros destinos que faziam parte da Grécia Antiga, levando grupos e atuando como professora. Tem um canal no YouTube sobre literatura grega: <https://www.youtube.com/cristinafranciscato>.

2 Os números entre parêntesis correspondem aos versos da tragédia que está sendo citada em cada passagem.

3 Essa citação e todas as outras referentes a textos da literatura grega cuja obra de origem não consta nas referências bibliográficas foram retiradas do *Thesaurus Linguae Graecae*. CD ROM # D. PHI, Pre-mastering by Packard Humanities Institute.

experimentarem a *týkhe* como algo inesperado, aleatório e geralmente funesto, as ocorrências do termo não denotam o mero acaso. Definir a *týkhe* como acaso é um equívoco de percepção que se deve à dificuldade, ou mesmo incapacidade, por parte de quem a experimenta, de reconhecer a fina teia de causas e efeitos, tecida pelo caráter em conjunção com o destino, como propõe o aforismo de Heráclito. A *týkhe* é aquilo que de fato acontece e, portanto, o produto final do destino, no momento em que ele se torna fato.

Proponho que o acontecimento trágico – vivenciado como destino ou acaso – possui afinidade com o caráter do personagem: seus infortúnios não são aleatórios nem manifestações de uma fatalidade cega. Há no acontecimento uma zona fronteira em que motivações e atos humanos se entrelaçam com potências e desígnios, transcendentais e divinos. Pretendo mostrar que a situação do personagem – no caso, Édipo – tem raízes, ao mesmo tempo, em seu *êthos* – sua natureza, seu caráter – e no seu *daímon*. E que se trata de um destino, seja ele denominado *daímon*, *anánkhe* ou *moíra*, que utiliza a *týkhe* – o suposto acaso – como instrumento.

A dificuldade que o personagem trágico tem de compreender uma possível relação entre o que lhe acontece, sobretudo os eventos funestos, e seu próprio *êthos*, remete-nos a outro aforismo de Heráclito: *harmoníē aphanēs phanerēs kreítton*⁴, “a harmonia invisível é mais forte que a visível”. Harmonia no grego antigo tem também outros sentidos além do seu significado atual de consonância, concórdia. O termo podia designar um conjunto, um arranjo, um pacto, uma estrutura. Então uma leitura possível para a máxima de Heráclito é que a “estrutura” invisível de algo é mais forte do que a visível. Pensando no ser humano e, mais especificamente, no personagem trágico, poderíamos entender que sua “estrutura” interna e invisível (a essência do seu caráter) é mais determinante na configuração dos fatos que sua “estrutura” exterior e visível – a personalidade aparente, o que o personagem acredita ser. E quando falamos em “estrutura interna e invisível” é impossível não pensarmos, modernamente, no inconsciente.

Outra questão central na literatura grega é a instabilidade da sorte (*týkhe*), a inconstância que permeia nossa vida: nada do que é humano é estável e seguro, tampouco são claros os desígnios divinos (Eurípides, *Héraclēs*, 62). Somos reféns do eventual. A sorte, por razões inapreensíveis, conduz os mortais da felicidade ao infortúnio e vice-versa. A vida é apenas incerteza, e é no movimento entre o plano divino e o humano

4 ὁρμονίη ἀφανῆς φανερῆς κρείττων, Frag. 54.1, *Thesaurus Linguae Graecae*.

que se encontra o acontecimento denominado *týkhe*. Sobre a instabilidade da sorte, Heródoto narra um diálogo entre Sólon, legislador ateniense, e o rei lídio Cresos. Nele, o rei, orgulhoso de sua próspera condição, é advertido por Sólon (*História*, 1.32.46 – 1.33.1.):

É necessário examinar o término
de cada coisa e o que dela surgirá: pois para muitos
a divindade, tendo-lhes mostrado a felicidade,
aniquila-os totalmente⁵.

Sólon, na sequência, afirma que não se pode considerar alguém feliz enquanto estiver vivo. Refere-se, nesse momento, a Cresos, possuidor de grande riqueza e rei de muitos homens. Mesmo assim, ele só seria considerado afortunado se sua vida terminasse bem (*História*, 1.32.20 – 1.32.26). Tal ideia é recorrente na literatura grega⁶, inclusive no fim de *Édipo Rei* (1524-1527), como veremos.

Proponho que as ocorrências do termo *týkhe*, nas tragédias áticas, podem revelar aspectos dissimulados ou não reconhecidos do caráter dos personagens, o que acontece nessa tragédia de Sófocles. Quanto mais submerso nas aparências e equivocado a respeito de si estiver um personagem, mais a *týkhe*, o acontecimento aparentemente fortuito, evidenciará sua verdade existencial. A peripécia de *Édipo Rei* é paradigmática: o equívoco sobre sua condição – o que Édipo acreditava ser e não era – será revelado por uma sucessão de *týkhai* (plural de *týkhe*). O propósito dessa ligeira digressão pelas ocorrências do termo em *Édipo Rei* é ilustrar o papel revelador da *týkhe*, pois não há personagem trágico mais equivocado sobre si do que Édipo nem algum que sofrerá maior revés da sorte.

Reinhardt (1976/2007) afirma que *Édipo Rei* não é, de modo algum, como outras tragédias gregas, uma tragédia do destino humano, apesar de ter sido considerada por muito tempo o modelo desse tipo de tragédia. Concordo com o helenista quando diz que *Édipo Rei* é a tragédia da aparência humana, em que aparência é subentendida como ser. Ser e aparência estão entrelaçados em Édipo, e a tragicidade do protagonista é ser arremessado para fora de sua aparência. Nesse sentido, vale refletir se não estamos, como Édipo e em alguma medida, existencialmente sujeitos à mesma tragicidade: identificados com uma mera aparência de nós mesmos.

⁵ As traduções do grego, presentes neste texto, são minhas.

⁶ Como, por exemplo, em *As Traquínias* (1-3), de Sófocles, e em *As Troianas* (509-510) e *Electra* (953-956), de Eurípides.

Ocorrências do termo *týkhe* em *Édipo Rei*

No início da peça, Édipo representa a esperança de salvação para Tebas. Ele se autodenomina *kleinós* (8), “glorioso”. Os tebanos vão consultá-lo portando os ramos rituais dos suplicantes (3): assim se dirigem aos altares do palácio real (16). Édipo é considerado “senhor supremo” (40), “melhor entre os mortais” (46) e “salvador” (48). O sacerdote incita-o a salvar a pólis, como antes fizera (52-5):

Visto que outrora, por presságio, *týkhe* favorável
concedeste-nos, sê igual também agora!⁷

Édipo, ao vencer a esfinge – decifrando seu enigma –, proporciona a Tebas um acontecimento favorável: livra-a do flagelo. É reconhecido pelo sacerdote como agente de uma *týkhe* oportuna. A esperança dos cidadãos de Tebas é que Édipo assim continue. Deve agora resolver outro enigma, a causa do miasma que assola a cidade. Essa questão levará a outra: quem é o assassino de Laio? Ao buscá-lo, Édipo deseja corresponder às expectativas, reforçando a admiração alheia e a imagem que tem de si: o benfeitor de Tebas, ilustre e perspicaz solucionador de problemas.

O rei diz que sofre por si e por todos na pólis (64). Enviou Creonte para consultar o oráculo de Delfos, disposto a seguir as prescrições divinas. Enquanto espera o retorno do cunhado, Édipo invoca Apolo (80-1):

Soberano Apolo, oxalá que com *týkhe*
salvadora ele venha, radiante de se ver!⁸

Édipo espera repetir a boa sorte que o fez salvar Tebas. Parece esquecido da resposta que recebera do mesmo oráculo: mataria o pai e se casaria com a mãe (791-73). Não suspeita que a *týkhe* trazida por Creonte tenha a mesma função do oráculo anterior: conduzi-lo ao conhecimento de si, dissipando o que aparentava ser.

Creonte traz o vaticínio: é necessário expulsar de Tebas o miasma – mácula que provém de um crime – que cresceu na cidade (96-98) ou, com sangue, expiar o sangue derramado (100). Édipo então pergunta (102): “A *týkhe* de que homem o deus indica?”⁹. Creonte explica ser a de Laio, o antigo rei, mas sabemos que, indiretamente, o oráculo também se refere a Édipo. O herói concorda que, de fato, “a *týkhe* lançara-se

⁷ Οριθι γὰρ καὶ τὴν τότε αἰσίω τύχην παρέσχεσθε ἡμῖν, καὶ τὰ νῦν ἴσος γενού-

⁸ Ὡναῖξ Ἀπολλων, εἰ γὰρ ἐν τύχῃ γέ τω σωτήρι βαίη, λαμπρὸς ὡσπερ ὄμματι.

⁹ Ποίου γὰρ ἀνδρὸς τήνδε μηνύει τύχην;

contra aquela cabeça” (263)¹⁰, sem desconfiar ter sido ele o instrumento de tal “sorte”. Afirma, em primorosa ironia trágica, que combaterá por Laio, como se fosse por seu pai: nada o deterrá até que prenda o homicida (264-266).

Édipo amaldiçoa o assassino. Proíbe que qualquer pessoa se comunique com ele e ordena que todos o afastem de suas casas. Chama para si próprio a maldição se, conhecendo o assassino, o receber em seu palácio (249-251). O ponto crucial da maldição é conhecer a identidade do assassino, o que ele está determinado a fazer. Édipo é aconselhado, em diferentes momentos da trama e por diferentes personagens, a desistir de sua busca. Tirésias (320--321), Jocasta (848, 1060 e segs.) e o servo de Laio (1165) tentam dissuadi-lo, mas Édipo não transige. Ele próprio constrói e fecha um cerco sobre si, e isso não fora determinado pelo oráculo.

Quando Tirésias, pressionado por Édipo, faz revelações indesejadas e prenuncia sua queda (427-428), o rei desacata e expulsa o adivinho (430-431). Tirésias, antes de partir, menciona os pais do herói e Édipo deseja saber sobre eles (436). Então o vate é provocativo: “Acaso não és tu o melhor em descobrir tais coisas?” (440). Ao que Édipo responde: “Insultas-me naquilo em que descobrirás que sou grande” (441). Tirésias conclui (442): “É certamente esta *týkhe* que te destruiu”¹¹. A “grandeza” intelectual de Édipo causou sua ruína: por ter decifrado o enigma da esfinge, uniu-se à mãe e nela gerou filhos; busca agora – a qualquer preço – desvendar a morte de Laio, o que o levará à destruição. Embora se acredite intelectualmente grandioso (441), erra reiteradas vezes ao interpretar as evidências contra ele. Porém não desistirá até decifrar o próprio enigma e, nisso, será bem-sucedido.

No verso 679, depois de acirrada discussão entre Édipo e Creonte, o coro questiona por que Jocasta não interfere e hesita em levar um deles para dentro do palácio. Ela responde que só o faria após compreender a *týkhe* em questão (680)¹²: ela quer saber o que acontece. A desavença entre eles – algo novo e obscuro para Jocasta – é parte de um processo, de uma sucessão de “sortes” (*týkhai*), que revelará a verdade sobre Édipo.

Jocasta investiga o que aflige o marido e ele afirma que nada lhe ocultará, pois a quem poderia falar – se não a ela – ao viverem tal natureza de “sorte” (772-773)¹³? Édipo denomina *týkhe* a complicada situação em que se encontra. A próxima ocorrência do termo é especialmente significativa. Evidencia que a busca de Édipo por sua verdadeira identidade teve origem numa *týkhe*. Diz ele (775-778):

10 νῦν δ' ἐς τὸ κείνου κρᾶτ' ἐνήλαθ' ἢ τύχη

11 Αὕτη γε μέντοι σ' ἡ τύχη διώλεσεν.

12 Μαθοῦσά γ' ἦτις ἡ τύχη

13 τῷ γὰρ ἄν καὶ μείζονι λέξαιμι ἄν ἢ σοὶ διὰ τύχης τοιαῦδ' ἰών;

Era ali (em Corinto) considerado homem máximo entre os cidadãos, antes de tal *týkhe* ter saltado rápida sobre mim, algo digno de admiração, mas indigno do meu empenho¹⁴.

Então narra o acontecimento, a *týkhe* que o atingira (779-814): certa vez, em Corinto, um bêbado chamou-lhe de filho ilegítimo, e a partir desse incidente começa sua busca pela verdade. Primeiro com os supostos pais, depois em Delfos, onde o oráculo lhe diz que mataria o pai e se casaria com a mãe. Então, querendo fugir da própria sina, desencadeia os demais fatos: abandona Corinto, para se afastar dos pais, e chega à encruzilhada onde mata o desconhecido. Édipo é chamado de bastardo, e tal fato (*týkhe*) atinge o eixo do seu caráter: o brio e, ao mesmo tempo, seu gosto e capacidade para enigmas. Poderia ter agido de forma diferente, caso fosse outra a sua natureza, como, por exemplo, ter aceitado as explicações dos supostos pais e permanecido em Corinto. Ou, depois de ouvir o oráculo, poderia ter redobrado o cuidado para não matar ninguém e não se casar com uma mulher com idade para ser sua mãe. Mas Édipo é orgulhoso e impulsivo. Mata um idoso apenas por ter sido empurrado (804-812) e casa-se com uma mulher mais velha para se tornar rei de Tebas.

No decorrer da trama, Jocasta, ao ouvir do mensageiro de Corinto que Políbio – suposto pai de Édipo – morrera, apressa-se em avisar o marido. Ela duvida da veracidade e, portanto, da pertinência dos oráculos divinos (946-947), pois interpreta a notícia como negação das palavras de Apolo. O mesmo fará Édipo (964-972). Conclui a rainha que Políbio fora morto pela *týkhe* e não por Édipo (947-949)¹⁵:

Édipo, outrora, com medo
fugira para não matar este homem, que agora
pela sorte perece, não por ele.

¹⁴ Ἠγόμην δ' ἄνηρ
ὄστων μέγιστος τῶν ἐκεῖ, πρὶν μοι τύχη
τοιᾷδ' ἐπέστη, θαυμάσαι μὲν ἄξια,
σπουδῆς γε μέντοι τῆς ἐμῆς οὐκ ἄξια.

¹⁵ Τοῦτον Οἰδίπους πόλαι τρέμων
τὸν ἄνδρ' ἔφευγε μὴ κτάνοι, καὶ νῦν ἔδε
πρὸς τῆς τύχης ὄλωλεν οὐδὲ τοῦδ' ὕπο.

¹⁶ Τί δ' ἂν φοβοῖτ' ἄνθρωπος, ᾧ τὰ
τῆς τύχης
κρατεῖ, πρόνοια δ' ἐστὶν οὐδενὸς σαφῆς;
εἰκὴ κρείστων ζῆν, ὅπως δύναιτό τις.

Na verdade, Políbio ter morrido naquele momento é uma *týkhe* crucial para a elucidação dos fatos e da identidade de Édipo. Incrédula com relação aos oráculos, Jocasta afirma não haver previsões seguras, pois a “sorte” domina (977-978)¹⁶:

O quê temeria um homem a quem a *týkhe*
domina, sendo os oráculos em nada seguros?
O melhor é viver ao acaso, como for possível.

Jocasta contrapõe a força dos oráculos à atuação da sorte, quando, na verdade, a *týkhe* está a serviço dos desígnios divinos. A rainha, mais tarde, perceberá seu equívoco: os oráculos são seguros – embora distantes da compreensão – e a *týkhe* realmente domina, mas como instrumento do destino.

O mensageiro revela que Édipo não é filho de Políbio (1016): ele próprio o entregara ao rei de Corinto (1022). Seus pés furados testemunham o estado em que fora encontrado (1033), e seu nome sinaliza essa *týkhe* (1036)¹⁷: Édipo – Οιδίπους, Oidípous – “pés inchados”. Mesmo diante das evidências, Édipo não consegue enxergar a realidade e afirma-se filho da *Týkhe* (1080-1083)¹⁸:

Eu me tenho por filho da *Týkhe*
benfazeja e não serei desonrado.
Sou nascido dessa mãe: os meses da minha
vida determinaram-me pequeno e grande.

Filho da própria *Týkhe*, sua vida alterna entre altos e baixos. Mas, por ser ela benfazeja, não será desonrado. Engana-se quando afirma ser uma *Týkhe* benfazeja. Por fim, após o esclarecimento dos fatos e da lamentável verdade de Édipo, o coro reflete (1524-1527)¹⁹:

Ó habitantes de Tebas, nossa pátria! Vede este Édipo,
que célebres enigmas decifrou e era o mais poderoso:
que cidadão não invejava a sua *týkhe* e
a que tormenta de terrível desgraça chegou!

O coro, diante da instabilidade da “sorte”, conclui ser necessário esperar o fim da vida de alguém para só então considerá-lo feliz, caso nada doloroso tenha sofrido (1528-1530). Édipo teve a *týkhe* invejada por todos. Mas era apenas o primeiro ato de um destino que se revelaria funesto.

Édipo é confrontado, através dos acontecimentos – das *týkhai* –, com a mais autêntica verdade. Ele descobre, sem paliativos, quem de fato é. Há coerência no caso de Édipo. A vida lhe proporcionou aquilo que ele perseguiu com mais empenho: decifrar enigmas, saber quem era. Édipo estava certo ao responder à provocação de Tirésias: “Insultas-me naquilo em que descobrirás que sou grande” (441), na capacidade de solucionar o obscuro. Ele não transige e vai às últimas consequências para decifrar-se.

17 Ὄστ' ὠνομάσθης ἐκ τύχης ταύτης ὅς εἶ.

18 Ἐγὼ δ' ἐμαυτὸν παῖδα τῆς Τύχης νέμων τῆς εὐδιδούσης, οὐκ ἀπιασθήσομαι. τῆς γὰρ πέφυκα μητρός· οἱ δὲ συγγενεῖς μῆνές με μικρὸν καὶ μέγαν διώρισαν.

19 ὦ πάτρας Θήβης ἐνοικοί, λεύσσειτ', Οἰδίπους ὄδε, ὅς τὰ κλείν' αἰνίγματ' ἤδει καὶ κρόπιστος ἦν ἀνὴρ, οὐ τίς οὐ ζήλω πολιτῶν ἦν τύχαις ἐπιβλέπων, εἰς ὅσον κλυδωνὰ δεινῆς συμφορᾶς ἐλήλυθεν.

Fosse outro o seu caráter, outros rumos teria tomado, atraindo diferentes acontecimentos. Talvez nunca houvesse saído de Corinto e lá tivesse reinado, sucedendo Políbio no trono.

Enfim, concordo com Knox (1988/2002) quando diz que, na peça, a vontade do herói é livre e ele é totalmente responsável pela catástrofe, que é descobrir sua própria identidade. Ele é o primeiro e último responsável por essa revelação. Os acontecimentos principais da peça não fazem parte da profecia: Apolo não vaticinou a revelação da verdade, o suicídio de Jocasta ou a cegueira de Édipo. Foi o caráter (*êthos*) do herói que moldou o seu destino (*daímon*), explicitado por uma sucessão de acontecimentos (*týkhai*).



REFERÊNCIAS

- Ésquilo. (2009). *Tragédias*. (J. Torrano, trad.). São Paulo: Iluminuras.
- Eurípides. (2009). *Electra*. (T. Vieira, trad.). São Paulo: Ateliê Editorial.
- _____. (2005). *As fenícias*. (D. Schüler, trad.). Porto Alegre: L&PM.
- _____. (2003). *Héracles*. (C. R. Franciscato, trad.). São Paulo: Editora Palas Athena.
- _____. (1996). *As Troianas*. (M. H. da R. Pereira, trad.). Lisboa: Edições 70.
- Heródoto. (1985). *História*. (M. da G. Kury, trad.). Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Knox, B. (2002). *Édipo em Tebas*. (M. Goldsztyrn, trad.). São Paulo: Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1988).
- Sófocles. (2012). *Antígona*. (M. H. da R. Pereira, trad., 6ª ed.). Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian.
- _____. (2001). *Édipo Rei*. (T. Vieira, trad.). São Paulo: Perspectiva.
- _____. (2015). *Édipo Rei*. (F. R. de Oliveira, trad.). São Paulo: Odysseus.
- _____. (2005). *Édipo em Colono*. (T. Vieira, trad.). São Paulo: Perspectiva.
- _____. (2009). *As Traquínias*. (F. R. de Oliveira, trad.). Campinas: Editora Unicamp.
- Reinhardt, K. (2007). *Sófocles*. (O. Tolle, trad.). Brasília: Editora Universidade de Brasília. (Trabalho original publicado em 1988).
- Vernant, J.-P., & Vidal-Naquet, P. (1988). *Mito e tragédia na Grécia Antiga*. (A. L. A. de Almeida Prado, F. Y. H. Garcia & M. da C. M. Cavalcante, trad., vol. 1). São Paulo: Brasiliense.

Acaso, destino e caráter em *Édipo Rei*, de Sófocles O destino de Édipo, protagonista da tragédia *Édipo Rei*, de Sófocles, estava traçado antes de seu nascimento: mataria o pai e se casaria com a mãe. Esse oráculo é mencionado duas vezes na peça. Porém não fazia parte da profecia os principais acontecimentos da obra de Sófocles: a revelação da verdade, o suicídio de Jocasta e a cegueira de Édipo. A questão investigada neste artigo é se o que acontece a Édipo é consequência apenas de um destino transcendente ou é também produto de seu *êthos*, seu caráter. Aquilo que o personagem é de fato, para além do que acreditava ser, revela-se por uma sucessão de supostos acasos (*týkhai*). | *Chance, fate and character in Sophocles' Oedipus Tyrannus* *Oedipus' fate, protagonist of Sophocles' Oedipus Tyrannus, was traced before his birth: he would kill his father and would marry his mother. This oracle is mentioned twice in the play. However, the main events of Sophocles' play were not part of the prophecy: the revelation of truth, Jocasta's suicide, and Oedipus's blindness. The question investigated in this article is whether what happens to Oedipus is only the consequence of a transcendent fate or is also the product of his êthos, his character. What in fact Oedipus is, beyond what he believed to be, is revealed by a series of alleged accidents (týkhai).*

RESUMO | SUMMARY

Týkhe. Caráter. Destino. Édipo. Sófocles. | Týkhe. Character. Fate. Oedipus. Sophocles.

PALAVRAS-CHAVE | KEYWORDS

MARIA CRISTINA RODRIGUES DA SILVA FRANCISCATO

Rua Jamil Gebara, 3-33/42
17017-150 – Bauru-SP
tel.: 19 99754.5262
cristina.franciscato@gmail.com

RECEBIDO 30.05.2019
ACEITO 29.06.2019